

ATUAR NO MUNDO

Do agir como fissura entre o estranho e o familiar

ACTING IN THE WORLD

Acting as a Fissure between the Strange and the Familiar

Matteo Bonfitto

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Esse projeto, realizado em 2023 em várias cidades de Portugal, investigou, teórica e praticamente, a relação entre processos de formação e criação associados às Artes Performativas, sobretudo no que diz respeito à atuação, a fim de perceber suas implicações relacionais, éticas, estéticas e políticas. Dentre os pressupostos que permearam esta pesquisa, destaca-se aquele que percebe o fazer artístico, e mais especificamente os processos de atuação, em suas instâncias de formação e criação, como uma dimensão que opera, de um lado, como catalisadora de saberes já constituídos e, do outro, como produtora de saberes singulares, muitas vezes ainda não elaborados.

Palavras-chave: atuação; memória, criação, formação, decolonialidade.

Abstract: This project, carried out in 2023 in several cities across Portugal, investigated, theoretically and practically, the relationship between training and creative processes associated with the Performing Arts, particularly with regard to acting, in order to understand their relational, ethical, aesthetic, and political implications. Among the assumptions that permeated this research, one that stands out is that it perceives artistic practice, and more specifically the processes of performance, in its formative and creative stages, as a dimension that operates, on the one hand, as a catalyst for already established knowledge and, on the other, as a producer of singular, often still unelaborated, knowledge.

Keywords: acting; memory; creation; background; decoloniality.

Recebido em: 15/08/2025

Aceito em: 09/10/2025

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

Do “Nascimento” desse Projeto: Cultivar o Extemporâneo

Esse projeto emergiu sobretudo de estranhamentos. Seria possível, ao mesmo tempo, dizer que ele representou um desdobramento de estudos e pesquisas que produziram uma trajetória onde pode-se reconhecer uma ampliação e uma problematização da noção de atuação. Seria ainda possível acrescentar que dentre os fatores que levaram à sua execução, além de minhas pesquisas anteriores, as interlocuções ocorridas no âmbito do LabACT com as Artistas-Pesquisadoras Lucienne Guedes Fahrer e Melissa Ferreira contribuíram de maneira importante. Mas ao me deparar com a reflexão que aqui se faz, percebo a impossibilidade de ficar indiferente ao ‘efeito’ que me acompanha há não sei desde quando, que nomeio aqui como ‘extemporâneo’¹⁰³.

De fato, a manifestação desse efeito, que carrega como seu eixo central um estranhamento em relação ao próprio tempo, não é algo surpreendente em minha trajetória profissional e de vida. Ao contrário, ela parece ter estado sempre presente, antes e depois de ter experienciado o *Verfremdungseffekte*¹⁰⁴, vibrando ainda mais no silêncio, com oscilações ora intensas e ora mais amenas, camuflada por erupções de normalidade. Mas tal processo parece ter se intensificado após a experiência vivida com Oida que, no rastro de Beckett, interrompeu a partida, fazendo o tempo parar um pouco¹⁰⁵. E desde então, jogar os jogos – sociais, éticos, políticos, clínicos e artísticos – passou a ser, a cada vez, um momento de *stop*, que me faz de novo perguntar: como isso – este projeto, esta escolha, este convite, esta situação, este acontecimento, este texto... – faz com que eu me aproxime do que pode, de fato, me fazer ‘mover’?

Seguindo sem respostas a priori, e ciente de que o sentido de cada jogo se faz na dinâmica do seu acontecer, é através desse caminho tortuoso e incompleto, desse

¹⁰³ O termo extemporâneo emerge do latim “extemporaneus”, formado pela junção de “ex-”, que significa “fora de”, com “temporaneus”, derivado de “tempus”, indicando “tempo”. Desse modo, “extemporaneus” sugere algo que está fora do tempo adequado. Dentre as referências que contribuíram para a circulação desta noção cabe ressaltar Friedrich Nietzsche e sua “Considerações Extemporâneas”, escritas entre 1873 e 1876.

¹⁰⁴ *Verfremdungseffekte* – Efeito de Estranhamento proposto por B. Brecht através de procedimentos de atuação e de composição da encenação.

¹⁰⁵ Me refiro aqui à montagem de *Fim de Partida*, dirigida por Yoshi Oida e apresentada, dentre outros lugares, no SESC Ipiranga, no Festival Internacional de Teatro de Havana e na Cúpula do Theatro Municipal de São Paulo.

atravessamento pantanoso, cheio de coisas não ditas, que o “Projeto Atuar no Mundo” parece ter encontrado meios para nascer. Nascimento nascido da necessidade de sair de certos jogos para experimentar outros – para além de Huizinga e Caillois¹⁰⁶, do *dark play* e do *deep play*¹⁰⁷... – necessidade de dar um W.O., ou de acreditar na ilusão de que é possível ‘não jogar’. O que parece mais concreto aqui, é que essa fala vibra enquanto escrevo.

Atuar em Campo Expandido

Assim, dando continuidade a este ensaio/reflexão/fala, seria possível dizer que neste projeto, a atuação, percebida nesse caso como um campo expandido, criou condições para que procedimentos, práticas e processos, originalmente associados a técnicas e abordagens sobre a atuação, pudessem ser desconstruídos, reconstruídos e deslocados de finalidade, potencializando seu horizonte de ação, percebido como instaurador de experiências de diferentes naturezas. E poderia acrescentar ainda que, desse modo, o atuar passou a permear um *continuum* que cobre desde territórios já consolidados, relacionados com a criação de seres ficcionais, mas também com experimentos que adentram lugares menos familiares. Uma observação que poderia trazer ainda outra camada a esse horizonte seria que esse projeto não implicou um mero deslocamento geográfico de práticas consolidadas de atuação, mas uma busca que parte do reconhecimento do potencial da atuação como catalisadora de saberes e conhecimentos, tácitos e não tácitos, que podem produzir experiências criativas ligadas à produção artística, mas, ao mesmo tempo, também acontecer em situações e contextos extra-artísticos.

Tudo isso faz sentido, e reconheço essas elaborações como tentativas de traduzir, em discurso, as ações que aconteceram durante os seis meses de duração do projeto em questão. Mas buscando novamente resgatar o estranhamento que me levou a realizá-lo, percebo que ele funcionou como uma bússola, que me fez perceber de maneira mais concreta a direção de minha insatisfação, que nesse caso

¹⁰⁶ Huizinga, Johan. *Homo Ludens. O Jogo como Elemento de Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2019; e Caillois, Roger. *Os Jogos e os Homens*. São Paulo: Vozes, 2017.

¹⁰⁷ *Dark Play* e *Deep Play* são noções presentes em várias referências, como Jeremy Bentham e Clifford Geertz, dentre outras.

envolveu a percepção das engrenagens ligadas à produção teatral e artística, sobretudo no que diz respeito aos processos de atuação. A própria noção de atuação restrita à criação de seres ficcionais que emergem de textos dramáticos e não dramáticos me pareceu representar um reducionismo injustificável. Inevitável o questionamento sobre as muitas ‘bolhas’ que essas engrenagens e modos de criação podem gerar.

Foi assim, nesse estado e com essas percepções estranhadas, que projetei ações cheias de buracos que deveriam servir, por sua vez, de espaços de mobilidade externa e interna na relação com a equipe e com as pessoas participantes de tais ações.

Das Ações Realizadas

As ações realizadas neste projeto não teriam acontecido sem o tecer delicado de relações feito com uma equipe generosa, já mencionada. Elas se deram em três *clusters*, cobrindo um arco que envolveu: ‘Encontros/ Palestras’, ‘Laboratórios Artísticos’ e ‘Criações’. Recapitulo abaixo tais ações, em forma de registro inicialmente, para em seguida passarem a ser material de elaboração.

Encontros/ Palestras

Sobre os ‘Encontros/ Palestras’ (representados pelas letras ‘E’ e ‘P’), essas ações, cinco ao todo, geraram deslocamentos, instaurando um horizonte mais ampliado do que o previsto inicialmente.

P.1 e P.2 - Nos dias 6 e 13 de março, duas palestras/ exposições aconteceram no auditório principal da Universidade de Lisboa (ULisboa), sobre o Projeto Atuar no Mundo. Participaram dessas ações pesquisadoras e pesquisadores ligados ao Centro de Estudos de Teatro da ULisboa e também pesquisadoras, pesquisadores e profissionais de outras áreas. Essas duas palestras seguiram um percurso específico. Na primeira, o objetivo foi compartilhar o horizonte e as tensões que haviam me movido. Ao final do primeiro encontro, após ter delineado e dado um primeiro contorno às noções de

'ação' e 'atuação' nos termos elaborados no projeto, propus para o segundo encontro a possibilidade das pessoas participantes produzirem, a partir de instruções específicas, um primeiro esboço de ações, seja no auditório onde estávamos ou em suas imediações. Desses encontros, para além da transformação sensível ocorrida no auditório, permanecem sobretudo as perguntas surgidas após o compartilhamento das ações: como perceber e intensificar a dimensão relacional dessas ações? Como cultivar as percepções que emergem da processualidade de nossos modos de subjetivação? A busca aqui foi a de criar condições que pudessem dissolver, de uma maneira diferente de como muitas vezes acontece nas 'palestras-performances', a separação entre reflexão e criação.



Figura 1: *Palestras sobre o Projeto Atuar no Mundo* - Universidade de Lisboa, Portugal.
Foto: Tiago Porteiro.

E. 2 - Após ser convidado para conduzir um laboratório prático na Escola Superior de Teatro e Cinema de Amadora, busquei abordar o Projeto Atuar no Mundo a partir de uma perspectiva específica, nesse caso abordando as dimensões do indizível e do invisível na atuação e além. Assim, uma palestra foi dada e teve um caráter de suporte para o laboratório desenvolvido em seguida, nos dias 4 e 5 de março.

E. 3 - Outra palestra, ocorrida no dia 12 de abril, na Biblioteca da Universidade de Évora (inicialmente ela havia sido prevista para acontecer em um espaço chamado ‘Sala Preta’, mas devido ao número de participantes foi deslocada para a Biblioteca), abordou o Projeto Atuar no Mundo a partir da perspectiva das materialidades e suas implicações perceptivas e cognitivas, que ultrapassam o horizonte de criação de seres ficcionais percebidos como representações de individualidades ou de tipos.

E. 4 - No evento nomeado como “Investigar em Teatro e Performance 2022 – 2023”, organizado por meu *advisor*, Prof. Rui Pina Coelho, um encontro ocorreu entre os dias 11 e 12 de maio. Nele, aproveitei para expor outra camada constitutiva desse projeto: a questão da descolonialidade.

E. 5 - A convite da Profa. Luísa Pinto, uma fala aconteceu no dia 16 de maio de 2023, na Escola Superior Artística do Porto, em Portugal. Busquei, nesse caso, articular a rede de aspectos abordados nas falas/palestras ocorridas anteriormente.

‘Laboratórios Artísticos’

Três laboratórios artísticos aconteceram durante esse projeto: *O Invisível e o Indizível na Atuação (ESTC)*; *Des-lo-car-mo-nos/ Displace Us – Centro Histórico de Guimarães*; e *“Da Matéria ao Material” (Escola de Artes da Universidade de Évora)*.

Lab I: O Invisível e o Indizível na Atuação (ESTC)

Esse laboratório foi desenvolvido na Escola Superior de Teatro e Cinema de Amadora (ESTC). Ao final, um compartilhamento público aconteceu nas instalações da ESTC.

Partindo do pressuposto de que os processos de atuação devem buscar, primeiramente, ser instauradores de experiências de diferentes naturezas, nesse laboratório buscamos investigar uma dimensão que ultrapassa os limites da linguagem e que envolve uma articulação dinâmica entre o invisível e o indizível.

Além de práticas e procedimentos vocais, corporais e de escrita, esse processo utilizou como suporte materiais dramatúrgicos e audiovisuais. O objetivo, nesse caso, foi explorar ativações psicofísicas de diferentes naturezas, a fim de produzir materiais cênicos que capturam, em diferentes níveis, o que não vemos e não dizemos, mas cuja presença podemos perceber e reconhecer.

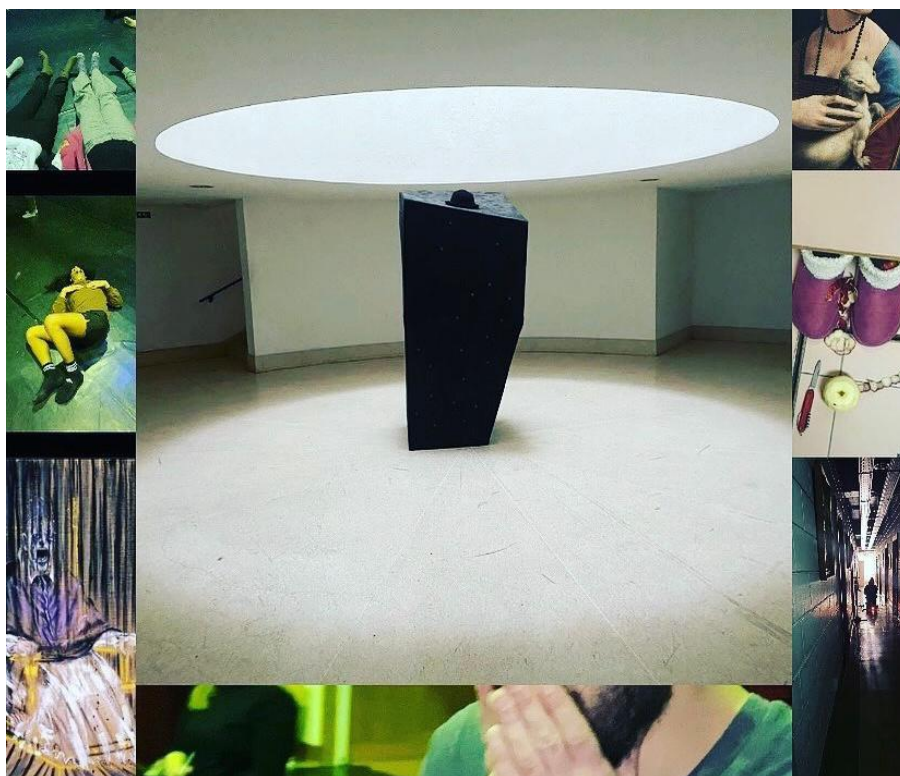


Figura 2: Lab “O Invisível e o Indizível na Atuação” (ESTC), Amadora, Portugal.
Foto: Vítor Lemos

Lab II - Des-lo-car-mo-nos/ Displace Us – Centro Histórico de Guimarães

Des-lo-car-mo-nos/ Displace Us foi o nome dado ao segundo laboratório desenvolvido durante o estágio no exterior, gerador de uma experiência singular que envolveu a participação de estudantes da UMinho, artistas locais e pessoas provenientes de diferentes áreas. Nesse caso, utilizamos a caminhada como dispositivo performativo. Tal dispositivo buscou colocar as pessoas participantes não na posição de expectadoras ou observadoras simplesmente, mas sim no acontecer da processualidade das experiências propostas e, nesse sentido, a própria noção de modos de subjetivação, assim como aquela de alteridade, assumiram um papel central. Em *Des-lo-car-mo-nos*, nós – eu, Tiago Porteiro e Manuela Ferreira – quisemos propor, através desse dispositivo, a possibilidade de ir além de um mero atravessamento sensorial dos corpos pelos espaços e contextos urbanos e não urbanos do centro histórico da cidade de Guimarães. Assim, durante o trajeto, criamos condições através de instruções escritas e estímulos sensoriais, para que outras dimensões de envolvimento e participação surgissem ao longo da caminhada.

Dentre as perguntas que contribuíram para a criação desse laboratório, algumas destacam-se: como, através de um laboratório que se utiliza da caminhada como dispositivo, instaurar experiências mobilizadoras a partir da verticalização de práticas concretas de alteridade? Como viabilizar expansões subjetivas através do jogo entre construções de narrativas e desconstruções sensoriais, perceptivas e cognitivas?

Lab. III – “Da Matéria ao Material” – Escola de Artes da Universidade de Évora

Esse laboratório colocou em prática uma camada específica, que percebe as ações não simplesmente como execuções de intenções estabelecidas a priori, mas como resultantes igualmente de ativações psicofísicas, assim como de elaborações que atravessam materialidades de diferentes naturezas e que envolvem dimensões inconscientes. As materialidades trabalhadas emergiram, nesse laboratório, do mergulho nas potencialidades das diferentes matérias

utilizadas, processo esse que envolveu objetos, espacialidades, sonoridades e corporeidades. Um dos objetivos que permearam esse laboratório foi buscar criar condições para que as ações produzidas pelas pessoas participantes não se limitassem a uma mera execução de tarefas, mas que fossem também expressão de pulsões, desejos e processos ainda não elaborados de maneira discursiva.

Os materiais produzidos, ao ativarem conexões entre memória pessoal e coletiva a partir desse processo, apontaram perspectivas específicas sobre a ação e sobre a atuação, como aquelas que envolvem a relação entre as noções de 'liminar' e 'liminóide' em Antropologia¹⁰⁸.

Uma conversa final ocorreu na Sala Preta da Escola de Artes da UÉvora, onde elaborações significativas aconteceram, envolvendo diretamente a relação entre formação e criação nas Artes da Cena e Performativas.

Criações

Criação I – Des-lo-car-mo-nos/ Displace Us

Essa criação foi um desdobramento do Laboratório descrito, de mesmo nome. Nesse caso, um percurso imersivo atravessou realidades diferenciadas (espaços internos privados versus espaços públicos) que promoveu práticas concretas de alteridade. Nomeadamente, tais práticas se deram através dos encontros diretos que aconteceram ao longo do percurso entre participantes e anfitriões, esses últimos vinculados aos espaços e às realidades atravessadas.

Nove espaços/realidades funcionaram como pontos de parada ao longo de um percurso que envolveu também caminhos que os conectavam:

- 1- sala de confecção do Curso de Moda da Universidade do Minho (Guimarães - Campus de Azurém);
- 2- escultura localizada perto do restaurante universitário do mesmo campus (obra do artista José de Guimarães);
- 3- uma das laterais do Castelo de Guimarães;
- 4- Centro de Solidariedade Humana Prof. Emídio Guerreiro e Museu do

¹⁰⁸ Essas noções estão presentes em várias autoras e autores, dentre eles, o antropólogo Victor Turner.

Convento de Santo António dos Capuchos (Claustros - Santa Casa da Misericórdia);

- 5- restaurante Cor Tangerina; Igreja da Nossa Senhora do Carmo;
- 6- Biblioteca Municipal Raúl Brandão;
- 7- Salão nobre da Câmara Municipal;
- 8- casa de Manuela Ferreira e Tiago Porteiro;
- 9- e, por fim, a entrada do Teatro Jordão, espaço onde, atualmente, encontram-se instalados os cursos de Artes Visuais e o de Teatro da Universidade do Minho.

Esse percurso não foi definido de maneira aleatória: as pessoas vinculadas aos espaços contribuíram de maneira fundamental para a reflexão e definição das dinâmicas que aconteceram em cada uma dessas realidades. Desse modo, a relação entre modos de subjetivação e alteridade permeou o percurso como um todo, desde o seu início, na sala da moda. Já nesse momento, a performatividade, percebida como processualidade da experiência, materializou-se através das escolhas dos quimonos e batas que cada pessoa participante deveria vestir a fim de participar da caminhada. A alteridade aqui se deu de maneira perceptível, uma vez que o próprio 'eu' foi, nesse caso, colocado como 'outro'. Ao vestir essas 'segundas peles', o objetivo não foi criar personagens, mas perceber como o corpo de cada participante seria dessa maneira ativado para abertura de novos modos de subjetivação, provocados também pela reação das pessoas que se depararam com o grupo de quase trinta pessoas que atravessou o centro histórico da cidade de Guimarães. A relação entre modos de subjetivação e alteridade foi ampliada de maneira crescente nas oito paradas que se seguiram, como a que envolveu o encontro na Câmara Municipal com o verdadeiro Secretário de Cultura de Guimarães.



Figura 3: *Displace Us/ Des-lo-car-mo-nos*
Performance apresentada no Festival “The Walking Body”- Guimarães, Portugal. Foto: Tiago Porteiro.

Não somente as pessoas envolvidas nessa ação – participantes, anfitriãs e transeuntes – foram deslocadas nesse caso. Nós, Manuela, Matteo e Tiago, também nos deslocamos profundamente com esse processo. Nós nos deslocamos de muitas maneiras: por exemplo, de ideias humanistas românticas e idealizadas; de pressupostos que percebem a espécie humana como superior em sua racionalidade e em sua atitude ingenuamente despota com relação à natureza; da ideia de humano dividido hierarquicamente em raças, classes, castas e gêneros; do acreditar que experiências precisam ser entendidas antes e vividas depois; ao adentrarmos e ampliarmos dinâmicas relacionais com as pessoas anfitriãs que abriram os diferentes mundos acessados nesse processo;

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

e, ao perceber os laboratórios artísticos, como esse que realizamos, como um agir no mundo. Em sua geografia afetiva, Guimarães hoje é outra, assim como nós.

Desse modo, muitas foram as pontes invisíveis construídas em *Des-lo-car-mo-nos/ Displace Us*, pontes feitas de desconstruções e ampliações perceptivas associadas a práticas de alteridade.

Portanto, des-lo-que-mo-nos!

Criação II - Convocatória

Essa criação teve como nome “*Convocatória*” e foi apresentada no Largo do Paço, na cidade de Braga, em Portugal.

Tendo em mente a questão da memória, essa criação teve lugar no Largo do Paço, em Braga. Em sintonia com questões presentes em Edmund Husserl e Merleau-Ponty, convocamos o público situado no Largo do Paço a ‘suspenderem o próprio juízo’ temporariamente. Nessa *epoché* cênica, tudo foi colocado em causa, sobretudo um repensar a relação entre falar, pensar, sentir e agir.

Articulando as ações das performers com a música e o dispositivo cenográfico, ativa-se em *Convocatória*, antes de tudo, a necessidade de interromper a própria inércia perceptiva e cognitiva. A música, gerando atmosferas deslizantes, a cenografia com seus lençóis gigantescos balançando ao vento, juntamente com as ações vibrantes das performers, convergiram para a uma convocatória inusual, feita de metáforas que dissolvem a fronteira que separa a dimensão íntima e a dimensão pública.



Figura 4: *Call/ Convocatória* – Performance apresentada no Largo do Paço, Braga, Portugal.
Foto: Tiago Porteiro.



Figura 5: *Call/ Convocatória* – Performance apresentada no Largo do Paço, Braga, Portugal.
Foto: Tiago Porteiro.

(In)Conclusão: Do Extemporâneo como Espiral Criativa

Sobre os Encontros/ Palestras, já na primeira ação que aconteceu no Auditório da Universidade de Lisboa, partimos de um horizonte de reflexão, apoiado em instruções práticas: como distinguir as ações que acontecem ‘na vida’, ‘na cena’ e ‘no mundo’? Qual é o ponto em que cada uma delas se misturam e se circunscrevem? A partir dessa experiência, na ação seguinte, ocorrida em Évora, o foco foi abordar o indizível e o invisível enquanto camadas dos processos de instauração de experiências, que ultrapassam as modalidades discursivas e abrem espaço para expansões perceptivas. Como transpor o falar ‘sobre’ tais camadas para o falar ‘através’ delas? Esse foi o maior desafio do laboratório que ocorreu mais tarde. A escolha desse ponto de vista se deu em função do laboratório prático conduzido nos dias seguintes a essa palestra na Escola de Artes da UÉvora. Uma camada importante do projeto, influenciada diretamente por estudos relacionados com a linguística, com as artes visuais, a música e a psicanálise, pode ser material de reflexão e discussão e me possibilitou olhar para os processos geradores de ações resultantes de ativações psicofísicas que atravessam materialidades de diferentes naturezas, e que envolvem dimensões conscientes e inconscientes. Para além das funções da linguagem de Roman Jakobson e das múltiplas funções do significante em J. Lacan, as materialidades aqui foram associadas ao mergulho nas potencialidades das diferentes matérias – nesse caso, objetos, espacialidades, sonoridades e corporeidades – ativadoras de pulsões, desejos e processos ainda não elaborados de maneira discursiva. Uma vez atravessada essa experiência, acreditei eu que uma nova camada do projeto teria condições de ser abordada: a descolonialidade. Se por um lado, a opção por desenvolver esse projeto em Portugal teve uma relação com fatos históricos que envolveram a colonização portuguesa no Brasil e suas implicações éticas e políticas, por outro, o objetivo, nesse caso, foi expor um ponto de vista a partir do qual a descolonialidade foi percebida e abordada nesse projeto também em outros níveis, que envolvem, além das artes, a sociologia, a antropologia e a psicanálise. Assim, atravessando noções como ‘habitus’, de Pierre Bourdieu, ‘perspectivismo’, de Viveiros de Castro, e os múltiplos

processos de identificação elaborados por Freud, a minha fala nesse evento buscou ampliar e problematizar a noção de descolonialidade, percebida aqui não somente através de sua dimensão factual, mas também através de práticas de desconstrução e reconstrução perceptiva e cognitiva. Ao mesmo tempo, descolonizar, nesse caso, em oposição à noção de sujeito empreendedor de si, envolve uma busca não idealizada de re-tecimento de laços entre sujeito, sociedade e cultura. Da sequência de estranhamentos que permearam esse bloco de ações, outra pergunta surgiu: como descolonizar a consciência?

No que diz respeito aos Laboratórios desenvolvidos, tendo como foco do primeiro as tensões existentes entre visível e invisível, o objetivo foi buscar ampliar a percepção dessas dimensões, conectando-as com aspectos que ultrapassam o aparato visual em si para assim acessar outros modos de reconhecimento. Dentre as perguntas que nortearam esse Laboratório, uma ganhou uma importância especial: vemos e percebemos somente o que já sabemos e elaboramos antecipadamente? Nesse caso, mais do que respondê-la intelectualmente, essa pergunta foi considerada através da exploração de práticas psicofísicas e de suas mais e menos impalpáveis materialidades. Já no segundo Lab, teve uma função intermediária, uma vez que se valeu de experimentações feitas no Lab anterior e preparou para o terceiro, que teve como foco a experimentação sobre as materialidades. O estranhamento aqui se deu sobretudo através da busca de um atravessamento “não-turístico” de realidades extremamente contrastantes, a fim de relativizar o supostamente conhecido em relação a contextos familiares. No terceiro Lab, esse estranhamento foi direcionado para a produção de materialidades que envolveram a relação do corpo com espacialidades, tecidos, cores...

Por fim, as duas criações puderam colocar em prática e desdobrar os conceitos e experimentos feitos seja nos Encontros/ Palestras seja nos Labs referidos. Assim, se em *Des-lo-car-mo-nos* os deslocamentos geográficos conectaram-se com diferentes modos de subjetivação, em *Convocatória* os deslocamentos aconteceram em relação às amarras do racionalismo causal, que reduz o fazer a uma lógica aplicativa comprometendo, desse modo, a abertura para a lida com a diferença e com as práticas de alteridade.

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

Considerando a trajetória descrita, a noção de “extemporâneo”, que cultiva o estranhamento de nosso tempo, parece ter funcionado como seu principal fio condutor, abrindo espaço para um atuar menos assertivo e modelizante, e valorizando a vulnerabilidade como sua maior potência. Ultrapassando os pressupostos brechtianos, o cultivo desta atitude parece abrir a possibilidade de expandir, de maneira ainda mais significativa, o campo da atuação, a fim de articular três dimensões que me parecem fundamentais e indissociáveis neste caso: o AGIR na VIDA, o AGIR em CENA e o AGIR no MUNDO.

Referências

- BENTHAM, Jeremy. *Theory of Legislation*. London: Trübner & Co, 1875.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre Teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CAILLOIS, Roger. *Os Jogos e os Homens*. São Paulo: Vozes, 2017.
- De CASTRO, Eduardo Viveiros. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O Jogo como Elemento de Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Extemporâneas*, in: _____. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298.
- TURNER, Victor. *Schism and Continuity*. Manchester: Manchester University Press, 1957; *The Forest of Symbols*. Ithaca: Cornell University Press, 1967; *The Ritual Process*. Chicago: Aldine, 1969; *Drama, Fields, and Metaphors*. Ithaca: Cornell University Press, 1974.